

J.M. COETZEE

A vida escolar de Jesus

Tradução

José Rubens Siqueira



*Algunos dicen: Nunca segundas partes
fueron buenas.*

Dom Quixote, livro II, cap. 4

1.

Ele estava esperando que Estrella fosse maior. No mapa, ela aparece como um ponto do mesmo tamanho de Novilla. Mas enquanto Novilla era uma cidade, Estrella não passava de um aglomerado provinciano que se espalhava por uma zona rural de colinas, campos e pomares, atravessada por um rio preguiçoso.

Será possível uma vida nova em Estrella? Em Novilla, ele pudera contar com o Departamento de Relocações para arranjar acomodaçāo. Será que ele, Inés e o menino vão conseguir encontrar uma morada ali? O Departamento de Relocações é benficiante, é a própria encarnação da beneficēcia de um tipo impessoal; mas será que sua beneficēcia se aplica a fugitivos da lei?

Juan, o carona que se juntou a eles na estrada em Estrella, sugeriu que poderiam encontrar trabalho em uma das fazendas. Os fazendeiros sempre precisam de braços, ele diz. As fazendas maiores têm até dormitórios para trabalhadores sazonais. Se não é época de laranja, é época de maçā; se não é época de maçā, é época de uva. Estrella e região são uma verdadeira cornucópia.

Ele pode levá-los, se quiserem, até uma fazenda onde amigos dele trabalharam uma vez.

Ele troca um olhar com Inés. Devem seguir o conselho de Juan? Dinheiro não é problema, ele tem bastante dinheiro no bolso, podem tranquilamente ficar num hotel. Mas se as autoridades de Novilla estiverem mesmo atrás deles, talvez tenham mais sorte entre os transitórios sem nome.

“Vamos”, disse Inés. “Vamos para essa fazenda. Já estamos trancados dentro deste carro há muito tempo. Bolívar precisa dar uma corrida.”

“Eu também acho”, diz ele, Simón. “Mas uma fazenda não é um acampamento de férias. Você está disposta, Inés, a passar o dia inteiro colhendo frutas debaixo do sol quente?”

“Eu vou fazer a minha parte”, diz Inés. “Nem mais, nem menos.”

“Posso colher fruta também?”, o menino pergunta.

“Infelizmente não, você não”, diz Juan. “Seria contra a lei. Seria trabalho infantil.”

“Eu não ligo que seja trabalho infantil”, o menino diz.

“Tenho certeza que o fazendeiro vai deixar você colher fruta”, diz ele, Simón. “Mas não muito. Não a ponto de virar um trabalho.”

Atravessam Estrella de carro, seguindo a rua principal. Juan aponta o mercado, os prédios administrativos, o modesto museu e a galeria de arte. Atravessam uma ponte, deixam para trás a cidade e seguem o curso do rio até que veem uma casa imponente no alto do morro. “Era esta fazenda que eu tinha pensado”, diz Juan. “Foi aí que meus amigos encontraram trabalho. O *refugio* fica nos fundos. Parece triste, mas na verdade é bem confortável.”

O *refugio* é composto por dois barracões de ferro galvanizado ligados por uma passagem coberta; de um lado, há o bloco de abluições. Ele estaciona o carro. Ninguém aparece para rece-

bê-los, a não ser um cachorro cinzento, de pernas duras, que, no limite da corrente, rosna para eles, expondo presas amareladas.

Bolívar se desenrola e desliza para fora do carro. Inspecciona de longe o cachorro estranho e resolve ignorá-lo.

O menino corre para dentro dos barracões e torna a sair. “Tem beliches!”, grita. “Posso dormir na de cima? Por favor!”

Nesse momento, uma mulher grande, com avental vermelho por cima de um macacão folgado de algodão, aparece da parte de trás da casa da fazenda e segue devagar pelo caminho até eles. “Bom dia, bom dia!”, ela exclama. Examina o carro carregado. “Estão vindo de longe?”

“É, de longe. Queríamos saber se precisa de gente para trabalhar.”

“Sempre é bom ter mais gente para trabalhar. Muitas mãos deixam o trabalho mais leve, não é isso que dizem nos livros?”

“Somos só nós dois, minha mulher e eu. Nossa amigo aqui tem compromissos na cidade. Este é o nosso menino, o nome dele é Davíd. E este é o Bolívar. Será que tem lugar para o Bolívar? Ele é parte da família. Não vamos a lugar nenhum sem ele.”

“Bolívar é o nome dele de verdade”, diz o menino. “É um alsaciano.”

“Bolívar. É um nome bonito”, diz a mulher. “Fora do comum. Tenho certeza que vai ter lugar para ele se ele se comportar, se contentar com restos de comida e não entrar em brigas, nem correr atrás das galinhas. Os trabalhadores estão nos pômares agora, mas eu vou mostrar as camas para vocês. Do lado esquerdo, os cavalheiros; do lado direito, as damas. Não temos quartos familiares, sinto muito.”

“Eu vou ficar do lado dos cavalheiros”, diz o menino. “O Simón disse que posso ficar na cama de cima. O Simón não é o meu pai.”

“Faça como quiser, mocinho. Espaço é o que não falta. Os outros vão voltar...”

“O Simón não é meu pai de verdade e Davíd não é meu nome de verdade. Quer saber meu nome de verdade?”

A mulher olha intrigada para Inés, que finge não notar.

“A gente estava fazendo uma brincadeira no carro”, ele, Simón, intervém. “Para passar o tempo. Procurando nomes novos para nós.”

A mulher dá de ombros. “Os outros vão voltar logo para almoçar, então vocês podem se apresentar. O pagamento é vinte *reales* por dia, a mesma coisa para homens e mulheres. A diária vai do nascer ao pôr do sol, com um intervalo de duas horas ao meio-dia. No sétimo dia, descansamos. É a ordem natural, a ordem que nós seguimos. Quanto a refeições, fornecemos os mantimentos, vocês cozinharam. Ficam satisfeitos com esses termos? Acham que conseguem se virar? Já colheram frutas antes? Não? Vão aprender depressa, não é nenhuma grande arte. Têm chapéu? Vão precisar de chapéu, o sol pode ser muito quente. O que mais tenho de dizer para vocês? Podem me encontrar na casa-grande. Meu nome é Roberta.”

“Roberta, muito prazer. Meu nome é Simón, esta é Inés e este é Juan, o nosso guia, que eu vou levar de volta para a cidade.”

“Bem-vindos à fazenda. Tenho certeza que vamos nos dar bem. É bom vocês terem um carro próprio.”

“Trouxe a gente de bem longe. É um carro fiel. Não se pode esperar mais do que isso de um carro, fidelidade.”

Quando terminam de descarregar o carro, os trabalhadores estão começando a voltar dos pomares. Todos se apresentam, oferecem almoço, para Juan também: pão feito em casa, queijo e azeitonas, grandes tigelas de frutas. Os companheiros são cerca de vinte, inclusive uma família com cinco filhos que Davíd inspeciona cauteloso do seu lado da mesa.

Antes de levar Juan de volta a Estrella, ele tem um momento a sós com Inés. “O que você acha?”, ele murmura. “Vamos ficar?”

“Parece um bom lugar. Estou disposta a ficar aqui enquanto a gente procura. Mas temos de ter um plano. Eu não rodei tudo isso para acabar como uma trabalhadora comum.”

Ele e Inés já passaram por aquilo antes. Se são mesmo procurados pela lei, precisam ter muita prudência. Mas serão mesmo procurados? Têm motivos para temer uma perseguição? Será que a lei tem tantos recursos a ponto de poder despachar funcionários aos cantos mais remotos da terra para caçar um gazeteiro de seis anos de idade? Será uma verdadeira preocupação das autoridades de Novilla uma criança ir ou não para a escola, contanto que não cresça analfabeta? Ele, Simón, duvida. Por outro lado, e se eles estiverem procurando não o menino gazeteiro, mas o casal que perjurou afirmando ser pais dele e o manteve fora da escola? Se são ele e Inés os procurados, mais que a criança, então não deveriam ser discretos até seus perseguidores, exaustos, desistirem da busca?

“Uma semana”, ele propõe. “Vamos ser trabalhadores comuns durante uma semana. Depois a gente repensa.”

Ele vai de carro até Estrella e deixa Juan na casa dos amigos, que administram uma gráfica. De volta à fazenda, acompanha Inés e o menino na exploração do novo ambiente. Visitam os pômares e são iniciados nos mistérios das tesouras de poda e facas de corte. Davíd é atraído para longe deles e desaparece, quem sabe para onde, com as outras crianças. Volta na hora do jantar com arranhões nas pernas e nos braços. Andaram trepando nas árvores, ele diz. Inés quer passar iodo nos arranhões, mas ele não deixa. Vão para a cama cedo, como todo mundo, Davíd na cama de cima do beliche, como queria.

Quando o caminhão chega na manhã seguinte, ele e Inés já tomaram um café da manhã apressado. Davíd, ainda esfregando o sono dos olhos, não vai com eles. Com os novos camaradas, eles sobem a bordo e são levados aos vinhedos; seguindo o exem-

plo dos outros, ele e Inés botam cestos às costas e começam a trabalhar.

Enquanto trabalham, as crianças estão livres como gostam. Liderados pelo mais velho da tribo de cinco, um menino alto e magro chamado Bengi, com farto cabelo preto encaracolado, eles correm morro acima até a represa de barro que irriga os vinhedos. Os patos que estavam nadando ali partem alarmados, menos uma dupla com filhotes imaturos demais para voar que, num esforço para escapar, conduz suas crias para a margem oposta. São lentos demais: as crianças ruidosas os espantam, fazendo com que voltem ao meio da represa. Bengi começa a atirar pedras; os mais novos o imitam. Incapazes de fugir, as aves nadam em círculos, grasnando alto. Uma pedra atinge o macho mais lindamente colorido. Ele se ergue um pouco na água, cai para trás e fica batendo a asa atingida. Bengi dá um grito de triunfo. A torrente de pedras e torrões de terra redobra.

Ele e Inés ouvem indistintamente o clamor; os outros colhedores não prestam atenção. “O que você acha que está acontecendo?”, Inés pergunta. “Acha que o Davíd está bem?”

Ele deixa o cesto, sobe a encosta, chega à represa a tempo de ver Davíd dar um empurrão tão furioso no menino mais velho que ele cambaleia e quase cai. “Pare com isso!”, ouve ele gritar.

O menino olha perplexo o seu atacante, depois se volta e atira mais uma pedra nos patos.

Então Davíd entra na água com sapato e tudo e começa a espadanar na direção das aves.

“Davíd!”, ele, Simón, chama. O menino o ignora.

Inés, no vinhedo abaixo, solta o cesto e começa a correr. Desde que a avistou jogando tênis um ano antes, ele nunca a viu se exercitar. Ela é lenta; ganhou peso.

Do nada, o cachorro grande aparece e passa correndo por ela, direto como uma flecha. Em questão de segundos, salta na

represa e está ao lado de Davíd. Agarra sua camisa com os dentes, arrasta para a margem o menino, que se debate e protesta.

Inés chega. O cachorro se deita, orelhas em pé, olhos nela, esperando um sinal, enquanto Davíd, com a roupa encharcada, chora e bate nele com os punhos. “Eu te odeio, Bolívar!”, ele grita. “Aquele menino estava atirando pedra, Inés! Queria matar o pato!”

Ele, Simón, pega no colo o menino, que se debate. “Calma agora, calma”, ele diz. “O pato não morreu, está vendo? Só levou uma pedrada. Logo vai estar melhor. Agora eu acho que vocês todos, meninos, deviam sair daqui e deixar os patos sossegados cuidarem da vida deles. E você não deve ter raiva do Bolívar. Ele achou que você estava se afogando. Estava tentando te salvar.”

Raivoso, Davíd se liberta dos braços dele. “Eu ia salvar o pato”, ele diz. “Não pedi pro Bolívar ir junto. O Bolívar é burro. É um cachorro burro. Agora você tem de salvar ele, Simón. Vá, salve ele!”

Ele, Simón, tira o sapato e a camisa. “Já que insiste, vou tentar. Mas você tem de entender que um pato pode achar que ser salvo é uma coisa diferente do que você acha. Para ele, talvez o que mais importa seja não ser incomodado por seres humanos.”

Outros colhedores de uva chegam nesse momento. “Fique. Eu vou”, um homem mais jovem oferece.

“Não. É bondade sua, mas é um assunto do meu filho.” Ele tira a calça e de cueca entra na água marrom. Quase sem ruído, o cachorro aparece a seu lado. “Vá embora, Bolívar”, ele murmura. “Não precisa me salvar.”

Reunidos na margem, os colhedores de uva observam o cavalheiro já não tão jovem, com o físico não tão firme como nos tempos de estivador, partir para fazer o que o filho pediu.

O lago não é fundo. Mesmo na parte mais profunda não chega à altura do peito. Mas ele mal consegue mexer os pés na lama

mole do leito. Não tem a menor chance de pegar o pato com a asa quebrada, que se debate na superfície em círculos irregulares, para não falar da mãe pata, que chegou à margem oposta e foi para dentro do mato seguida pelas crias.

É Bolívar que faz o trabalho por ele. Deslizando como um fantasma, apenas a cabeça acima da água, ele chega até a ave ferida, fecha as mandíbulas como um alicate na asa flutuante e a puxa para a margem. De início, há uma agitação de resistência, o pato se debate, espalha água; depois, de repente, a ave parece desistir e aceitar sua sorte. Quando ele, Simón, sai da água, o pato está nos braços do rapaz que se ofereceu para ir em seu lugar e as crianças o inspecionam, curiosas.

Embora ainda bem acima do horizonte, o sol não o aquece. Tremendo, ele veste a roupa.

Bengi, o que atirou a pedra que causou todo o problema, acaricia a cabeça da ave completamente passiva.

“Peça desculpa para ele por causa do que você fez”, diz o rapaz.

“Desculpe”, Bengi murmura. “Dá pra consertar a asa? A gente pode pôr uma tala?”

O rapaz balança a cabeça. “É um bicho do mato”, diz. “Ele não vai aceitar uma tala. Está tudo bem. Ele está pronto pra morrer. Já aceitou. Olhe. Olhe os olhos dele. Ele já está morto.”

“Ele pode ficar na minha cama”, diz Bengi. “Posso dar comida pra ele até ele melhorar.”

“Vire de costas”, diz o rapaz.

Bengi não entende.

“Vire de costas”, diz o rapaz.

Ele, Simón, sussurra para Inés, que está enxugando o menino: “Não deixe ele ver”.

Ela aperta a cabeça do menino na saia. Ele resiste, mas ela fica firme.

O rapaz prende a ave entre os joelhos. Um movimento rápido e está feito. A cabeça pende, mole; uma película lhe cobre os olhos. Ele entrega a carcaça emplumada para Bengi. “Vá e enterre ele”, ordena. “Vá.”

Inés solta o menino. “Vá com seu amigo”, ele, Simón, diz. “Ajude a enterrar o pato. Veja se ele faz direito.”

Mais tarde, o menino procura por ele e Inés no lugar onde estão trabalhando nos vinhedos.

“Então? Enterraram o coitado do pato?”, ele pergunta.

O menino balança a cabeça. “A gente não conseguiu cavar um buraco. Não tinha pá. O Bengi escondeu ele no mato.”

“Não está certo. Quando eu terminar o trabalho, vou e enterro. Você me mostra onde está.”

“Por que ele fez isso?”

“Por que aquele rapaz acabou com o sofrimento dele? Eu falei para você. Porque ele ia ficar vulnerável com uma asa quebrada. Não ia comer. Ia morrer de fraqueza.”

“Não, quero saber por que o Bengi fez isso.”

“Tenho certeza que ele não queria fazer nada de ruim. Estava só atirando pedras, e uma coisa levou a outra.”

“Os patinhos bebês também vão morrer?”

“Claro que não. Eles têm a mãe para cuidar deles.”

“Mas quem vai dar leite pra eles?”

“Ave não é como a gente. Não bebe leite. De qualquer forma, são as mães que dão leite, não os pais.”

“Eles vão achar um *padrino*?”

“Acho que não. Acho que as aves não têm *padrinos*, assim como não bebem leite. *Padrino* é invenção humana.”

“Ele não se arrependeu. O Bengi. Ele disse que sente muito, mas não sente de verdade.”

“Por que você acha isso?”

“Porque ele queria matar o pato.”

“Não concordo, meu menino. Eu não acho que ele sabia o que estava fazendo, não completamente. Só estava atirando pedras do jeito que meninos atiram pedras. De coração mesmo, ele não queria matar ninguém. Então depois, quando viu a criatura linda que era o pato, quando viu que coisa terrível ele tinha feito, se arrependeu e ficou triste.”

“Ele não ficou triste. Ele me falou.”

“Se ele não está triste agora, logo vai ficar. Não vai ficar em paz com a consciência dele. É assim que nós somos, os seres humanos. Se a gente faz uma coisa ruim, não fica alegre com isso. Nossa consciência cuida que seja assim.”

“Mas ele estava brilhando! Eu vi! Ele estava brilhando e atirando pedras com toda força! Ele queria matar todos!”

“Não sei o que você quer dizer com brilhando, mas mesmo que ele estivesse brilhando, mesmo que estivesse atirando pedras, isso não prova que, de coração, ele estava tentando matar os patos. Nem sempre nós prevemos as consequências dos nossos atos, principalmente quando a gente é moço. Não esqueça que ele se ofereceu para cuidar do pato de asa quebrada, para deitá-lo na cama dele. O que mais ele podia fazer? Desatirar a pedra que tinha atirado? Não dá para fazer isso. Não dá para desfazer o passado. O que está feito está feito.”

“Ele não enterrou o pato. Ele só jogou no meio do mato.”

“Eu sinto muito por isso, mas o pato está morto. Não dá para trazer de volta. Você e eu vamos lá assim que o trabalho terminar.”

“Eu queria beijar ele, mas o Bengi não deixou. Disse que era sujo. Mas eu beijei assim mesmo. Entrei no mato e beijei ele.”

“Muito bem, fico contente de saber. É muito importante para o pato saber que alguém sentiu amor por ele e lhe deu um beijo depois que morreu. Também vai ser muito bom para ele saber que foi enterrado direitinho.”

“Você pode enterrar ele. Eu não quero enterrar.”

“Tudo bem, eu enterro. E se a gente voltar amanhã cedo e o túmulo estiver vazio e a família inteira dos patos estiver nadando na represa, pai, mãe e os filhotinhos, sem faltar nenhum, então vamos saber que beijar funciona, que beijar pode trazer alguém dos mortos. Mas se ele não estiver lá, se não estiver a família de patos inteira...”

“Eu não quero que eles voltem. Se eles voltarem, o Bengi vai jogar pedra de novo. Ele não se arrependeu. Ele está só fingindo. Eu *sei* que ele está fingindo, mas você não acredita. Você nunca acredita em mim.”

Não há pá nem machadinha à mão, então ele pega emprestada uma alavanca de pneu do caminhão. O menino o leva até os arbustos onde está a carcaça. As penas já perderam o brilho e as formigas chegaram aos olhos. Com a alavanca, ele abre um buraco no solo pedregoso. Não é fundo o suficiente, não dá para fingir que é um enterro decente, mas mesmo assim ele deposita a ave e a cobre. Uma pata espalmada fica para fora, rígida. Ele recolhe pedras e põe em cima do túmulo. “Pronto”, diz ao menino. “É o melhor que eu posso fazer.”

Quando visitam o local na manhã seguinte, as pedras estão espalhadas e o pato sumiu. Há penas por todo lado. Eles procuram, mas não encontram nada além da cabeça com as órbitas dos olhos vazias e uma pata. “Desculpe”, ele diz, e vai se encontrar com a turma de trabalho.